

ESSENCIALIDADES DE UMA PRÁTICA PÓS-CONSTRUTIVISTA

Giselly Jordan Virginia Portella¹

RESUMO

O trabalho intitulado Essencialidades de uma prática Pós-Constructivista, propõe-se apresentar e descrever alguns recursos essenciais, utilizados pelo professor alfabetizador Pós-Constructivista para proporcionar experiências ricas em significado e resultados para os alunos em seu processo de alfabetização. Para tanto, realizou-se estudos na literatura indicada e produzida pelo Geempa- Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação e outras literaturas convergentes e registros do dia a dia de salas de aula onde as professoras utilizam a referida teoria para embasar sua prática. Ao longo do trabalho serão expostos recursos, tais como jogos (baralhos, Veritek e etiquetas), fichas didáticas, merenda pedagógica, aula-entrevista, atividade cultural e lição de casa e os resultados que eles proporcionam para a formação de sujeitos no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Pós-Constructivismo. Recursos Didáticos. Aprendizagens.

INTRODUÇÃO

O Pós-Constructivismo é uma teoria advinda do refinamento e/ou ruptura com o Constructivismo Piagetiano, aliado à Psicogênese da escrita de Emilia Ferreiro, a contribuição de Wallon no campo do desejo, Vigotsky com o elemento social e aos mais atuais estudos da Teoria dos Campos Conceituais de Gerard Vergnaud. Pode-se dizer que o Pós-constructivismo é o acréscimo, principalmente, da dimensão social nos fenômenos da aprendizagem.

Em entrevista concedida pela Doutora Esther Pillar Grossi à revista do Instituto Humanista Unisinos on-line ela esclarece-nos acerca dessa teoria:

O constructivismo foi concebido por Piaget e tem características essenciais: o conhecimento se constrói, e não é captado de um bloco ou transmitido de fora para dentro [...]. Contudo, Piaget não incorporou profundamente nem o aspecto social, nem o aspecto cultural na sua visão da construção dos conhecimentos. Ele pensava que construíamos os conhecimentos em contato com o objeto do conhecimento. [...] O pós-constructivismo é o acréscimo, principalmente, da dimensão social nos fenômenos da aprendizagem (JUNGES, FACHIN, 2015).

Dando seguimento à entrevista, a doutora discorre sobre a situação da educação brasileira e destaca um ponto relevante, mas pouco observado pelos profissionais da educação que é fundamentar a prática docente em uma teoria sólida.

No Pós-Constructivismo considera-se a relação Realidade, já citada por Vigotsk (1992), o Sujeito Aprendiz, estudado por Piaget (1992) e o Outro, em uma dinâmica de constante

1. Pedagoga, especialista em educação e docente na Secretaria de SEEC – Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte e na SME – Secretaria Municipal de Educação do Natal. gisellyportella@gmail.com.

relevância e interligação na teoria Pós-construtivista da aprendizagem. Nesse caso, os outros não são unicamente os citados por Vigotsky, como alguém mais maduro e que sabe mais. “Os outros que intervêm nas aprendizagens dividem-se em três grupos, a saber: 1 – os que sabem mais que o aprendente sobre o objeto a aprender, 2 – os que sabem mais ou menos o mesmo sobre este objeto e 3 – os que sabem menos que o aprendente sobre o mesmo objeto” (GEEMPA, 2010, p. 99).

Dada a forte contribuição dos colegas que sabem mais, que sabem igual e que sabem menos o sujeito aprendente se sente livre das hierarquias impostas nas estruturas escolares, pois, em alguns casos, a interferência do professor pode ser menos benéfica que a interferência dos colegas estudantes. A ele cabe provocar e elaborar as formulações de problemas, através de sua tarefa contínua como “planejador e condutor da construção dos conhecimentos, mesmo quando ele deve estar oculto da cena ensinante” (GEEMPA, 2010, p. 102).

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi caracterizada na abordagem qualitativa de nível descritivo, utilizando como procedimentos técnicos as pesquisas bibliográficas, documental e de campo.

Para embasar os procedimentos metodológicos foram utilizados como referencia Gil (2012) e Lakatos e Marconi (2001) que aclara os conceitos de cada abordagem, níveis e procedimentos.

Lakatos e Marconi (2001) refere-se ao método de pesquisa qualitativa como sendo um processo que tem como foco a análise de dados muitas vezes não mensuráveis. Em alguns casos suas amostras são reduzidas, porém significativas para o alcance dos objetivos propostos na pesquisa.

A abordagem qualitativa, de cunho etnográfico possibilita um olhar investigativo do contexto sociocultural e institucional da realidade pesquisada, na medida em que proporciona uma interação direta com os interlocutores da pesquisa.

Quanto ao nível da presente pesquisa, ela é exploratória e descritiva. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo oportunizar a compreensão mais ampliada do objeto investigado (que neste caso são os recursos metodológicos geempianos) e uma maior aproximação do pesquisador com o fenômeno que pretende conhecer e o contexto no qual o mesmo está inserido.

Como já exposto, esta pesquisa propõe-se apresentar e descrever alguns recursos essenciais, utilizados pelo professor alfabetizador Pós-Constructivista para proporcionar experiências ricas em significado e resultados para os alunos em seu processo de alfabetização e para tanto teve como trajetória metodológica as reflexões teóricas pautadas na pesquisa bibliográfica bem como as experiências exitosas experienciadas pela autora, em sua prática diária em sala de aula..

Conforme Gil (2002, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” e para essa pesquisa, foram utilizadas, essencialmente, obras da editora do GEEMPA e dos teóricos que contribuem para o aprimoramento da teoria e da prática Pós-Constructivista como Esther Pillar Grossi e Gérard Vergnaud, além de teóricos da Psicologia e estudiosos da Psicogênese da leitura e da escrita. Quanto ao nível da pesquisa foi escolhida a do tipo descritiva por ter como “objetivo básico descrever as características de populações e de fenômenos”. (GIL, 2002, p. 131)

PRÁTICAS PÓS-CONSTRUTIVISTAS

De acordo com a equipe do GEEMPA – Grupo de Estudo Sobre Educação, Metodologia e Pesquisa e Ação, grupo responsável por pesquisar e implementar a teoria no Brasil e no exterior, há razões para o sucesso da aplicação do Pós-Constructivismo nas salas de aula, a saber: Adequação didático-pedagógica às características cognitivas da população-alvo; respeito aos níveis do processo de alfabetização; sem retrocesso na conquista da leitura e da escrita; disponibilidade de um instrumento para caracterizar a competência de ler e escrever; garantia de um núcleo comum de conhecimentos; três a cinco meses para alfabetizar, concretiza a assertiva de que só ensina quem aprende.

Cabe ao professor Pós-Constructivismo promover um ambiente favorável à aprendizagem, fazendo uso de recursos metodológicos comprovadamente eficazes para garantir uma sólida alfabetização, ou seja, uma habilidade de leitura e escrita visivelmente observada.

As práticas dos professores Pós-Constructivistas diferenciam-se em muito as dinâmicas tradicionalmente aplicadas em salas de aula de alfabetização. Há uma atmosfera de colaboração e protagonismo fortalecida na ideia de que todos são capazes de aprender e que todos tem dificuldades para aprender.

O quadro abaixo apresenta algumas práticas Pós-Construtivista em comparação ao ensino tradicional.

Quadro 1: Didática do ensino convencional e o Pós-Construtivismo

ENSINO CONVENCIONAL	ENSINO PÓS-CONSTRUTISMO
Explicar;	Provocar;
Apresentar linearmente, passo a passo, item por item, aspectos do conteúdo;	Apresentar globalmente, numa rede, elementos do campo conceitual e ensinar;
Enfileirar os alunos;	Agrupá-los de 4 em 4 alunos;
Centração no professor;	Descentração entre 3 grupos de interlocutores: os que sabem mais, o mesmo ou menos do que um aprendente;
A merenda não faz parte da pedagogia;	A merenda é uma atividade pedagógica;
Há um só tipo de aula na diretividade professor x turma de alunos;	Há três tipos de aula: Nos grupos áulicos, na aula-entrevista individual e nas atividades culturais;
Seguir a lógica dos conteúdos a ensinar;	Seguir a lógica de aprender do aluno;
Avaliar a posterior;	Avaliar a priori para planejar

Fonte: (GEEMPA, 2012)

Já o próximo quadro, ajuda-nos a esclarecer as bases teóricas do ensino convencional e o ensino Pós-Construtivista.

Quadro 2: Fundamentos Teóricos do ensino convencional e o Pós-Construtivista

ENSINO CONVENCIONAL	ENSINO PÓS-CONSTRUTISMO
Aprende-se individualmente;	Aprende-se socialmente;
Avalia-se conteúdos;	Avalia-se competências associadas a esquemas de pensamento;
A aprendizagem é um fato objetivo;	A aprendizagem é um processo subjetivo;
Promove-se automaticamente;	Promove-se com base em esquemas de pensamento;
A idade cronológica é o critério de enturmação;	O núcleo comum de conhecimentos é o critério de enturmação;
Aprende-se continuamente;	Aprender é um processo descontínuo;
Nem todos podem aprender;	Todos podem aprender;
Cada um tem seu ritmo de aprendizagem;	O contexto didático-pedagógico é que imprime o ritmo de aprendizagens;
Somos seres singulares;	Somos seres plurais;

Fonte: (GEEMPA, 2012)

Quanto ao processo de aprendizagem, Grossi (2004, p. 24) afirma que:

aprender, portanto, é um ato criativo por meio das elaborações do aprendente, é um ato interativo com a realidade e é um ato social, por que tributário inexoravelmente dos conhecimentos dos outros. Dessas três afirmações, resultam essencialidades e especificidades sobre as práticas e as teorias da aprendizagem, sobre a organização da escola e de todo o sistema educativo, assim como sobre a avaliação.

É sobre esses recursos essenciais que hora iremos nos debruçar a fim de descrever seus usos e resultados para a formação de sujeitos que leem e escrevem com base nas leituras dos materiais do Geempa e experiências da autora do presente trabalho.

ESSENCIALIDADES DE UMA PRÁTICA PÓS-CONSTRUTIVISTA

Ao entrar em uma sala de aula alfabetizadora Pós-Constructivista, é notadamente visível suas peculiaridades. São muitos textos coletivos, construídos pelos alunos, alfabetos de todas as formas e tamanhos, glossários de palavras, escadas das aprendizagens, números e variados registros de atividades produzidas pelos alunos. Sim, as salas de aulas Geempianas são decoradas/organizadas de modo funcional e com recursos construídos ao longo do ano, diferentemente das salas tradicionais que são decoradas para receber os alunos.

Além da diferença do ambiente alfabetizador, a prática diária das salas Geempianas e/ou Pós-Constructivistas também apresentam uma dinâmica singular. A sala é organizada em grupos, chamados de Grupos Áulicos de acordo com seu núcleo comum de conhecimento.

Uma forma interessante de organizar o trabalho em sala de aula é a distribuição dos alunos em grupos áulicos, procedimento pedagógico que favorece a vivência de valores de cidadania, criada pelo professor Caon em 1965 e, posteriormente, introduzido nas atividades do Geempa [...]. Quando trabalhamos com grupos áulicos, procuramos permitir aos alunos o convívio com as diferenças, a aprendizagem sobre a importância de auxiliar e ser auxiliado, de pertencer a um grupo. A sustentação da aprendizagem de cada grupo tem garantia nessa prática: através da cumplicidade que se instala (ROCHA, 2016, p.83, 84)

Ao se trabalhar em grupos, os alunos passam ter uma visão mais ampla dos processos de aprendizagem, onde ele passa a observar como os outros aprende, tirando o foco exclusivamente do professor, como tradicionalmente ocorre.

Imagem 1: Sala de aula Pós-Constructivista



Fonte: Acervo pessoal da autora

Há instrumentos facilitadores das provocações e situações pedagógicas, são os jogos (baralhos de letras e números, Veriteks, etiquetas e glossários de acordo com contextos semânticos que permeiam determinado momento da sala de aula), fichas didáticas, merenda pedagógica, aula-entrevista, atividade cultural e lição de casa.

As Etiquetas são pedaços de papel cartão que formam um conjunto de palavras escritas em letra cursiva e maiúscula. Essas palavras, por sua vez, fazem parte de um contexto semântico (nome dos alunos da turma, palavras de uma história amplamente trabalhada em sala). seu uso, objetiva a memorização das referidas palavras na leitura e na escrita, ampliando a relação letra X som e o acervo de memória.

Imagem 2: Jogos com Etiquetas



Fonte: Acervo pessoal da autora

Conforme registrado em um dos cadernos de atividades do Geempa a professora Esther Pilar Grossi destaca que,

o jogo é uma ferramenta fantástica, porque tem dois elementos essenciais para aprendizagem. Aprender a ganhar e a perder que é o aspecto dramático que o jogo

proporciona, fundamental para a vida e aprender as palavras das etiquetas, o que irá possibilitar um conjunto de elementos da esfera cognitiva. (GROSSI, 2018, p.73)

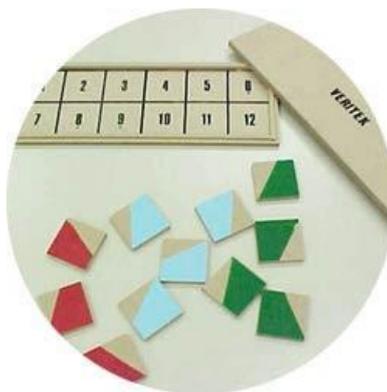
Com as Etiquetas, é possível jogar diversos jogos, tais como: Jogo da batalha, onde pode-se enfatizar a quantidade de letras das palavras, ou ainda destaque da letra inicial. Jogo da memória, a fim de que o aluno faça relação com as palavras escritas com os dois tipos de letras. Há também o jogo do Lince, onde o aluno precisa ser atento e ágil na leitura da palavra. De acordo com cada jogo e seu objetivo, são apresentadas fichas didáticas para verificação e acolhimento dos conhecimentos dinamicamente adquiridos nos jogos. Enfim, as etiquetas foram feitas para aprender jogando.

O Veritek

É semelhante ao exercício de relacionar colunas. olhando na ficha ,pega-se a peça que tem o número do desenho e coloca na caixa em cima do número que corresponde ao de resposta da ficha. após completar toda caixa,tampa-se e vira-se.ao abrir a caixa verá o mosaico correspondente ao da ficha.caso ocorra alguma alteração do mosaico é sinal que houve erro. (JOGO DE VERITEK, 2019)

Este jogo possibilita uma diversidade de intencionalidades, a saber: leitura global de palavras e relação letra cursiva e maiúscula, leitura de palavras e sua quantidade de letras, relacionar letras fora de ordem com palavras e assim por diante. Os alunos se surpreendem com o resultado que o jogo proporciona, jogando inúmeras vezes, em grupo, dupla e individualmente.

Imagem 3: Veritek



Fonte: (JOGO DE VERITEK, 2019)

Os Baralhos fornecidos pelo Geempa foram elaborados para contribuir na aprendizagem dos números e das letras. Com eles, pode-se jogar os jogos convencionais bem como os jogos Batalha, Bate-bate, além de trabalhar a organização das cartas de diversas formas, como formando quartetos, ordem alfabética ou no caso dos números, ordem

crescente, agrupar por tipos de cartas numéricas (figuras geométricas, numerais, nome dos números) ou alfabeto (nome das letras, letras maiúsculas, minúsculas, pela topografia).

Imagens 4 e 5: Alunos em grupo, jogando com o Baralho Numérico e de Letras



Fonte: Acervo pessoal da autora

[...] Jogar é viver. Jogar tem o gosto da existência, pois se tem a coragem de apostar apenas em uma possibilidade., não numa certeza. Por isso o jogo desperta uma energia por si mesmo. A energia da expectativa do que virá como surpresa. E assume-se a eventualidade de ter que suportar uma derrota. Jogar é a situação didática por excelência porque ele contém dois elementos essenciais das aprendizagens. Um deles é da esfera dramática e o outro é da esfera cognitiva. São eles: aprender a alternância do perder e do ganhar. Ser mergulhado numa situação que encerra um conjunto de elementos os quais por sua vez, tem a ver com aspectos de um conjunto de conceitos. (GEEMPA, 2016)

As Fichas didáticas são registros escritos, apresentados aos alunos após as partidas dos jogos. Elas têm como intencionalidade, verificar o que se aprendeu com os jogos. Ao aplicar uma ficha didática após os jogos, o aluno tem mais facilidade e autonomia para entender e responder ao solicitado pela professora. Há fichas que podem ser realizadas em grupo ou individualmente. As fichas didáticas são mais que atividades teóricas, pois elas fazem parte de uma sequência de provocações didáticas.

A Merenda Pedagógica é um momento repleto de significado e emoção para a turma, o importante não é o cardápio, mas o que o momento do repartir o alimento pode proporcionar de pedagógico ao aluno.

Na didática geempiana, a merenda pedagógica ao final de determinados ritos coletivos vividos pelos alunos, [...] tem por mérito a fabricação dos laços sociais no interior de uma turma de alunos. Ao simbolizar, com o seu fluxo, as fronteiras corporais dos grupos áulicos, o circuito da comida instaura a turma como totalidade social significativa para as aprendizagens escolares. (ROCHA, 2016, p.129)

Imagem 6: Coordenador do grupo pegando a merenda Pedagógica



Fonte: Acervo pessoal da autora

Há um ritual na partilha da merenda, onde um grupo áulico oferece a outro, de modo a que todos possam oferecer e receber o lanche. A frequência da merenda pedagógica vai depender da logística da escola. Não sendo possível fazê-la diariamente, a professora pode combinar com a turma quando: para comemorar aniversários, conquistas de aprendizagens, 100% de presença em sala, formação de novos grupos áulicos...

Aula-entrevista é um instrumento essencial à concretizar a didática Geempiana. Ela é um momento entre o professor e o estudante, onde se realiza uma sequencia de atividades com a finalidade de identificar a rede de hipóteses que os alunos formulam a respeito da escrita, da leitura, do conhecimento das letras e das unidades linguísticas além de estabelecer vínculo entre aluno e professor. Os resultados da aula entrevista são fundamentais para o planejamento dos espaços e problemas que o professor deve utilizar para o aluno aprender. Além de realizar no início do ano, o professor deve realiza-la periodicamente a cada dois meses, aproximadamente, ou quando for observado que o aluno tenha avançado no conhecimento.

“A aula-entrevista é um encontro a dois, do professor com cada um de seus alunos. É um momento especial de aprendizagem, tanto para o professor quanto para o aluno. Por conseguinte, é uma modalidade de aula da didática geempiana.” (GEEMPA, 2010, p. 12) É na aula-entrevista também que o professor passa a conhecer o aluno, seus gostos, medos, alegrias, criando assim um laço fraterno entre aprendente e ensinante.

Atividade Cultural - É sabido que a maioria das famílias dos alunos de classes populares não tem em sua rotina, a ida a museus, cinemas, teatros e consomem essencialmente o que a mídia televisiva oferece. Como o nome já sugestiona, é um momento onde a professora realiza e ou proporciona à turma com o intuito de que os alunos tenham

experiências estéticas e culturais marcantes, diversificadas e estimulantes. Essas experiências possibilitam a construção de um campo semântico rico para diversas outras aprendizagens que facilitam o caminho para a alfabetização.

Imagem 7: Atividade Cultural - Circo da COSERN



Imagem 8 Atividade Cultural – Conhecendo o Parque das Dunas Natal/RN



Fonte: Acervo pessoal da autora

Atividade de casa apesar de ser uma prática comum em todas as salas de aula, independente de que teoria seja embasado o fazer pedagógico, a atividade de casa no Pós-Constructivismo é pensada com o objetivo de promover um acolhimento dos conhecimentos adquiridos em sala de aula. Trata-se de uma atividade em que o aluno, efetivamente, deve ser capaz de fazê-la de forma autônoma, pois entende-se que em suas casas não há adultos que dispõe de tempo ou até alguém alfabetizado para ensina-lo. Com isso, a atividade de casa rompe com a ideia de ser um exercício, por vezes complexo e complementar que só pode ser realizado com o auxílio de alguém que sabe mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pós-Constructivismo vem apontar nortes para a premência de o docente refletir sobre suas práticas e quais alicerces teóricos estão firmando-as. É muito comum ver professores partilhando atividades entre si, baseando seu planejamento em conteúdos de livros didáticos, sem atentar para o nível de conhecimento do aluno, suas necessidades e objetivos da série/ano letivo. Diante de resultados pouco alvissareiros, quanto aos índices de alfabetização no país, acredita-se ser necessário aos professores se confrontarem com seus próprios equívocos e

práticas por vezes incoerentes e buscarem alicerces mais firmes e coerentes com o objetivo de alfabetizar sua sala de aula.

Deve ser competência do professor, promover o desvelar do ler e escrever em todos os alunos de sua classe e para tanto, os recursos didáticos e metodológicos apresentados nesse trabalho demonstram sua eficácia no processo de alfabetizar, com base na experiência da autora, bem como de dezenas de professoras alfabetizadoras que embasam sua prática no Pós-Constructivismo, pois para além de promover momentos divertidos, marcados por situações de afeto, desafios e reflexões sobre os desafios da vida diária (jogos e competições) conferem aprendizagens imediatas, recheadas de sentido. Essas aprendizagens por sua vez são visíveis para o aluno e a partir do momento em que ele se reconhece aprendendo, a motivação para seguir sua jornada rumo a leitura e a escrita, torna-se mais confiante.

REFERÊNCIAS

FACHIN, Patricia, JUNGES, Márcia. **O método pós-constructivista**. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2304&secao=281. Ano VIII, 10.11.2008. Acesso em 15 de mai. de 2015.

GEMPA. **Aula-entrevista: caracterização do processo rumo à leitura e à escrita**. Porto Alegre: GEEMPA, 2010.

_____. **Aula-entrevista: caracterização do processo rumo à leitura e à escrita**. Porto Alegre: GEEMPA, 2010.

_____. **Nenhum a menos: alfabetização 100% em um semestre**. Porto Alegre, GEMPA: 2012.

_____. **Caderno de atividades Elefantinho**. Porto Alegre, GEMPA: 2018.

_____. **Caderno de situações didáticas Atabaque menino**. Porto Alegre, GEMPA: 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROSSI, Esther Pillar. **Qual é a chave? Todos podem aprender**. Porto Alegre, GEMPA: 2004.

Jogo de Veritek: artes. Borboletas Criativas. Disponível em: <https://borboletascriativas.blogspot.com/2010/02/arte.html>. Acesso em 16 de Ago. de 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. **PIAGET, VYGOTSKY, WALLON: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **A interação na sala:** grupos áulicos. Porto Alegre, GEMPA: 2016.